

Paula Soares

Universidade de Évora

**O AMOR: DA DESLOCAÇÃO DO CENTRO DA GRAVIDADE À CONTEM-
PLAÇÃO DAS ESTRELAS. LOU ANDREAS-SALOMÉ E MARÍA ZAMBRANO
EM DIÁLOGO PÓSTUMO**

A acção do amor, o seu carácter de agente do divino no homem, conhece-se sobretudo nesse aperfeiçoamento do ser que o sofre e o suporta. E ainda na deslocação do centro da gravidade.

María Zambrano

Mas muito antes dele uma criança atingida pelo amor estendeu, suplicante, as suas mãos para uma estrela, sem se perguntar se era prazer ou dor o que implorava dela...

Lou Andreas-Salomé

I

Do amor são inúmeros os registos que se encontram ao longo da história da humanidade, registos esses que se apresentam nas mais variadas formas literárias, desde o ensaio, as cartas, o diário, o drama, o romance, entre outros. Muitos desses registos tornaram-se referências incontornáveis para a cultura ocidental, tais como, *A Arte de Amar* de Ovídio, *As Cartas de Abelard e Heloise*, o *Amor Obscuro* de Federico García Lorca ou ainda *The Art of Loving* de Erich Fromm¹.

Muitos seriam os exemplos possíveis de destaque merecido, no entanto, a escolha dos textos base a analisar neste âmbito, incidiu sobre dois ensaios sobre o amor datados de 1900 e 1952 respectivamente. Refiro-me a «Gedanken über das Liebesproblem» («Reflexões sobre o problema do amor») de Lou Andreas-Salomé e a «Dos Fragmentos sobre el amor» de María Zambrano². Apesar de Lou Andreas-Salomé (1861-1937) – infelizmente mais conhecida pelas figuras ilustres com que conviveu tais como Nietzsche,

Rilke, Freud, Adler, entre outros, – do que pelo seu espólio – e María Zambrano (1904-91) – menosprezada pela sua terra natal durante muitos anos de exílio – nunca se terem cruzado, é curioso verificar as afinidades existentes entre ambas. Assim, um forte elo de ligação mútua é constituído pela formação e pelo interesse filosófico, nomeadamente pela influência de Espinosa. Toda a reflexão de Lou Andreas-Salomé é fortemente marcada pela influência do pensamento de Espinosa e, particularmente, pela *Ética*. María Zambrano, por seu turno, para além de ter leccionado várias disciplinas de filosofia nas Universidades de Madrid, Morelia (México) e Havana, intitulou a sua dissertação de doutoramento *La salvación del individuo en Spinoza*.

Outros aspectos que interligam estas duas vidas separadas temporal – e geograficamente, relacionam-se com as suas vivências e interferências culturais nos espaços em que se inseriam. María Zambrano como aluna de Ortega e Gasset, relacionou-se entre outros com Federico Lorca e Miguel de Unamuno. Tanto Lou Andreas-Salomé como María Zambrano efectuaram inúmeras viagens ao mesmo tempo que iam publicando artigos incontáveis. Também a experiência da guerra foi partilhada por ambas, Lou Andreas-Salomé demarca as suas preocupações relativas à Guerra de 1914-18 na sua correspondência com Sigmund Freud. María Zambrano, activista na Guerra Civil de Espanha (1936-39), acaba por viver cerca de 46 anos no exílio. Um outro aspecto de menor relevância mas de algum interesse liga-se com o dia das suas mortes, Lou Andreas-Salomé morre a 5 de Fevereiro de 1937 em Göttingen (Alemanha), María Zambrano padece a 6 de Fevereiro de 1991 em Madrid.

Ambas sofreram retaliações ao longo das suas vidas, Lou foi frequentemente acusada de seguir uma conduta de vida pouco ligada às heranças do século XIX, pois movia-se com um «à vontade» pela Europa que não era vulgar para uma mulher da época, intervindo regularmente na vida cultural, um factor que também nem sempre era bem vindo. Poucos dias após a morte de Lou Andreas-Salomé, os nazis invadiram a sua casa destruindo o que restava da sua biblioteca, isto porque Lou tinha sido aluna de Sigmund Freud e exerceu psicanálise durante mais de 30 anos em Göttingen, tendo sido até à sua morte a primeira e única psicanalista feminina naquela cidade, não obstante o facto de a psicanálise ter sido considerada como «ciência judaica». María Zambrano por outro lado, viveu grande parte da sua vida no exílio, ao mesmo tempo que lhe era quase que vedado o acesso a publicações em Espanha, assim se entende que *A Metáfora do Coração* contenha textos escritos entre 1934 e 1983. Só na fase final da sua vida, María Zambrano chegou a obter o reconhecimento que merecia, tendo recebido o maior galardão espanhol – o Prémio Cervantes.

II

É notório que tanto «Gedanken über das Liebesproblem» de Lou Andreas-Salomé como «Dois fragmentos sobre o amor» de María Zambrano irradiam um forte teor filosófico – havendo passagens que não podem ser dissociadas de um certo hermetismo.

Para superar esse aparente hermetismo passo a descrever as ideias chave de cada um dos ensaios, a fim de posteriormente proceder a uma análise de índole comparativa.

Para Lou Andreas-Salomé as pulsões afectivas – que excluem o amor – são iminentemente duais, dividindo-se por um lado num pólo designado por *fraternidade universal*, e *hostilidade universal* por outro. A *fraternidade universal* liga-se a uma noção de alargamento do EU, alargamento esse que se traduz no *esvaziamento do ser* a fim de atingir uma *unidade cósmica*. A *hostilidade universal* relaciona-se com um estreitamento do ser que se debruça cada vez mais para dentro de si. Ambas as pulsões afectivas têm por base uma *tendência humana que visa o alcançar do todo*, deste modo, a conduta do ser cuja ligação é constituída, essencialmente, pelo pólo da *fraternidade universal* é: EU QUERO SER TUDO, a conduta do ser que mais se liga à *hostilidade universal* é: EU QUERO POSSUIR TUDO.

Como se demarcou atrás, o pêndulo que oscila entre os pólos da *fraternidade universal* e da *hostilidade universal* não é aplicável ao amor. O amor constitui para Lou Andreas-Salomé um estado anterior ao surgimento destes pólos, ou seja, uma união *a priori* dos pólos, união essa que visa um abraçar da vida em pleno. Para melhor entender esta ideia será talvez útil lembrar que para Lou o ser se desmembra numa unidade cósmica *a priori* quando do seu nascimento, unidade essa a que é possível ascender, pontualmente, através do amor³.

O elo de ligação entre os pólos da *fraternidade universal* e da *hostilidade universal* é constituído pelo «URSTROM» – («fluxo intemporal»), este fluxo intemporal permite a transformação dos pólos opostos em dualidade milagrosa e tudo abrangente. O fluxo intemporal que conduz o ser a essa dualidade milagrosa é também ele responsável pela fusão do corpo e do espírito do ser que experiencia o amor, proporcionando assim uma unidade cósmica do ser através do amor. Lou Andreas-Salomé descreve esta magia do amor da seguinte forma:

Es setzt sich in dieser Doppelwirkung vielleicht deswegen so erfolgreich durch, weil es jene Macht in uns darstellt, die am frühesten, – mit dem ersten Schimmer nervöser Energie, psychischer Betätigung, – in dem Lebewesen aufkam, dieselben jedoch nicht nur in ihrer steigenden Entwicklung weiterbegleitete, sondern aus der sie zugleich immer wieder, wie aus dem Urschoß des Seins, heraus geboren werden bis an der Welt Ende⁴.

(«Esta acção dupla manifesta-se com tanto êxito, talvez porque corresponde aquela força que, no momento mais anterior do ser, – se revelou como uma nuance de energia cintilante, de movimentação psicológica – tendo não sómente acompanhado o ser na sua evolução progressiva, como também constituído um surgimento permanente, comparável ao nascimento do colo intemporal do ser contínuo e até ao fim do mundo»)⁵.

Para além dos aspectos referidos, um dos factores de grande importância que se ligam ao processo amoroso, é a noção do amor fermentar a capacidade de penetrarmos em nós próprios, ou seja, para Lou Andreas-Salomé o amor não deve ser entendido no

sentido de um fundir de dois seres, mas no sentido do alargamento mútuo de cada um dos seres. Para clarificar esta ideia, Lou recorre à imagem do artista que não se funde com a obra que produz, assim o ser que ama também não se deve fundir com o ser amado, a fim de poder retirar forças criativas e criadoras dessa ligação. Se nalgum momento o ser que ama se vier a fundir com o ser amado, inicia-se uma anulação da identidade daquele que se funde, avistando-se de seguida a ruptura incontornável dessa relação.

Para Lou Andreas-Salomé o amor relaciona-se com o mundo do imaginário e do sonho, uma vez que desencadeia forças criativas e criadoras como referido atrás. No entanto, é também no amor que deparamos com uma fusão de felicidade e de dor; facilmente se entenderá este raciocínio se nos lembrarmos da dualidade milagrosa que se instaura com o amor, substituindo-se à oposição dos pólos da *fraternidade universal* e da *hostilidade universal* e, permitindo a ligação complementar de todos os opostos, daí que Lou conclua o seu ensaio com a alusão imagética da criança que, ao experienciar o amor pela primeira vez, estende as mãos para contemplar as estrelas sem saber se clama por vontade ou por dor...

María Zambrano inicia o seu ensaio «Dois fragmentos sobre o amor», acentuando o facto de na mente e na alma humana não haver lugar para o amor. Essa ausência de espaço para o amor, deve-se, segundo María Zambrano, às inúmeras barreiras criadas pelo ser humano devido à multidão dos sentimentos e instintos que o envolvem. Assim, o ser humano foi construindo a sua consciência em torno de uma *liberdade vazia*, liberdade essa que destitui o amor do espaço vital de que necessita. María Zambrano descreve este fenómeno recorrendo da metáfora do pássaro asfíxiado no vazio de uma liberdade negativa. Em oposição à *liberdade vazia*, que se caracteriza pela vacuidade, pela vida na negação, pela ausência do amor, coloca-se a *liberdade real*, este segundo tipo de liberdade constitui o lugar do amor e para o amor, é na *liberdade real* que o ser humano experiencia a inspiração e é também na *liberdade real* que lhe é dado o acesso ao sopro divino. (Note-se que esta noção de sopro divino deve ser entendida como manifestação divina no ser humano, ou seja, como alargamento das capacidades humanas.) Para além da *liberdade vazia* e da *liberdade real*, Zambrano refere ainda a *pseudo-liberdade*, esta terceira forma de liberdade caracteriza-se por uma forma de desintegração do ser humano, por uma liberdade repentina que se esgota rapidamente, cabendo também a ela um teor negativo.

O grande dilema do ser humano, deve-se, segundo Zambrano, ao facto de o ser se querer alienar por completo do divino, diz-nos Zambrano:

Renunciou ao amor em proveito do exercício de uma função orgânica; trocou as suas paixões por complexos. Porque não quer aceitar a herança divina, acreditando que assim se liberta do sofrimento, da paixão que todo o divino sofre entre nós e em nós⁶.

Este dilema que se liga à incapacidade do ser humano de aceitar «Deus e o divino que leva em si»⁷, conduziu a duas formas de alienação humana, por um lado ao *idealismo*,

por outro ao *positivismo*. Assim, para María Zambrano estas duas formas de alienação definem-se do seguinte modo: no *idealismo* o ser visa uma forma de saber absoluto, não concebendo ninguém para além de si, de modo que o divino já não corresponde a uma forma incógnita. Assim, é impossível aceitar o inacessível de Deus e o *Deus absconditus*. No *positivismo*, o ser humano submete os factos a causas chamadas razões, sendo o divino incalculável. O próprio amor é tornado em facto, sendo assim desvirtuado na sua essência que tudo transcende, ou seja, ao amor é extraído o elemento divino e avassalador. O amor transforma-se em necessidade, em némesis.

Para María Zambrano nem o *idealismo* nem o *positivismo* são terrenos férteis para o amor, pois no primeiro caso o ser humano não consegue aceitar o inacessível do divino, no segundo caso retira a essência ao amor. Daí que a fatalidade humana resida, deste modo, no facto do ser humano, querer, ao mesmo tempo, libertar-se do divino e absorvê-lo dentro de si. Diz-nos Zambrano no final do primeiro fragmento:

A pretendida divinização total do homem e da história produz a mesma asfixia que deve ter havido quando, em tempos remotos, o homem não conseguia um lugar sob o espaço cheio de Deuses, de semideuses, de demónios⁸.

No segundo fragmento María Zambrano refere a força que o amor pode ter enquanto «agente de destruição» pois é o amor que leva o ser a descobrir a futilidade, a inanidade do objecto que ama, dando lugar a um espaço vazio, que antes de ser entendido tem uma função assustadora. No entanto, como para Lou Andreas-Salomé, também para María Zambrano o amor constitui uma fusão de opostos:

E se o amor descobre o lado negativo do mais vivente da vida – de acordo com a sua condição intermediária de realizar o contraditório –, é ele quem torna a morte vivente, mudando-a de sentido⁹.

Para além da fusão de opostos, deparamos também com a noção de «condição intermediária» comparável ao «fluxo intemporal» («URSTROM») em Lou Andreas-Salomé.

Um outro aspecto a destacar do pensamento de Zambrano em relação ao amor, liga-se com a entrega à pessoa amada, isto é, para Zambrano a entrega deve ser entendida no sentido de oferenda, daí que no amor exista uma atitude de sacrifício comparável aos sacrifícios de oferendas aos Deuses. Esta noção de sacrifício conduz o ser humano muito perto da morte, amar verdadeiramente transforma-se, deste modo, numa aproximação do conhecimento da morte, numa aprendizagem para a morte.

Se em Lou Andreas-Salomé o amor conduz o ser à unidade cósmica anterior ao seu nascimento, o movimento que se encontra relativo ao amor em María Zambrano traduz-se na deslocação do centro da gravidade. Assim, segundo Zambrano o ser desloca o seu centro de gravidade para o ser amado e quando a paixão se desvanece o centro de gravidade do ser que amava «fica fora de si»¹⁰ como que em remoinho, é essa capacidade que irá permitir ao ser «viver fora de si, por estar mais além de si mesmo»¹¹. O verdadeiro amor de acordo com María Zambrano é portanto composto por sacrifício que proporciona um conhecimento da morte, por uma deslocação do centro da gravidade, tratando-

-se, sem dúvida, de um ritual de iniciação que conduz o EU à experiência de estar fora de si, de penetrar no abismo da divindade...

Apesar de depararmos com dois ensaios provenientes de pensadoras que se separam geografica e temporalmente, note-se que o ensaio de María Zambrano foi publicado 52 anos após aquele de Lou Andreas-Salomé, e apesar de ambas nunca se terem cruzado, encontram-se afinidades no seu pensamento relativo ao amor. Deste modo, para Lou Andreas-Salomé o ser humano pretende sempre alcançar o todo, para María Zambrano o ser humano quer ir sempre além de si. Trata-se, portanto de uma ideia de insatisfação permanente no ser humano, sempre disposto a conquistar mais espaço para além daquele que consegue abraçar. Um outro aspecto que une o pensamento de ambas liga-se ao poder do amor. Para Lou Andreas-Salomé o amor leva-nos a penetrar em nós próprios, desenrolando um processo criativo e criador, para María Zambrano o amor ao fazer-nos sair de nós próprios, proporciona um alargamento do conhecimento do EU. De destacar ainda a noção de amor que inclui a dor (em Lou Andreas-Salomé) e o sacrifício (em María Zambrano), ambas sublinham a existência obrigatória do factor negativo de sofrimento em relação ao amor. Fica assim delineado o amor: da deslocação do centro da gravidade à contemplação das estrelas em forma de diálogo póstumo entre Lou Andreas-Salomé e María Zambrano...

¹ É óbvio que esta selecção poderia ser continuada *ad eternum*, no entanto o intuito é de teor exemplificativo e não descritivo.

² O ensaio «Gedanken über das Liebesproblem» foi publicado pela primeira vez na revista *Neue Deutsche Rundschau* em 1900. Para esta abordagem utilizou-se a versão incluída na colectânea de textos Lou Andreas-Salomé. *Die Erotik*, (1910) 1991, pp. 45-82. Desta colectânea existe uma tradução portuguesa intitulada Lou Andreas-Salomé *Eros*, Relógio d'Água, Lisboa, 1990 – no entanto não se aconselha a utilização única desta tradução, pois trata-se de uma tradução indirecta efectuada a partir do francês! O ensaio «Dos fragmentos sobre el amor» foi publicado pela primeira vez na revista *Ínsula*, nº 75 em 1952. Aqui recorreu-se à tradução portuguesa inserida na colectânea María Zambrano, *A Metáfora do coração e outros escritos*, Lisboa, 1993, pp. 51-58.

³ Para um estudo aprofundado desta questão remete-se para a leitura da autobiografia de Lou Andreas-Salomé intitulada *Lebensrückblick*, editada postumamente por Ernst Pfeiffer em 1951. Desta autobiografia existe uma tradução portuguesa com o título Lou Andreas-Salomé, *Um olhar para trás*, Relógio d'Água, Lisboa, 1987. Mais uma vez não se aconselha o uso exclusivo da versão portuguesa, uma vez que não inclui as notas de grande relevo que foram incluídas por Ernst Pfeiffer na versão original.

⁴ Cf. Lou Andreas-Salomé, *Die Erotik*, pp. 55 segs.

⁵ Tradução da responsabilidade da autora.

⁶ Cf. María Zambrano, *A metáfora do coração e outros escritos*, Lisboa, 1993, p. 54.

⁷ Cf. *ibid.*, p. 55.

⁸ Cf. *ibid.*, p. 56.

⁹ Cf. *ibid.*, p. 57.

¹⁰ Cf. *ibid.*, p. 58.

¹¹ Cf. *ibid.*, p. 5.

Bibliografia de base

Andreas-Salomé, Lou, «Gedanken über das Liebesproblem», in *Die Erotik*, Frankfurt/M, (1910) 1992, pp. 45-82.

Zambrano, María, «Dois fragmentos sobre o amor», in *A Metáfora do Coração e Outros Escritos* (trad. port.), Lisboa, 1993, pp. 51-58.

Bibliografia secundária

Andreas-Salomé, Lou, *Eros* (trad. port.), Lisboa, 1990.

— *Lebensrückblick*, (ed.) Ernst Pfeiffer, Frankfurt/M (1951), 1989.

— *Um Olhar para Trás* (trad. port.), Lisboa, 1987.

Assoun, Paul-Laurent, *Freud et la Femme*, Saint-Amand, (1983), 1993.

Badinter, Elisabeth, *L'Amour en Plus. Histoire de l'Amour Maternel*, Paris, 1980.

Fromm, Erich, *The Art of Loving*, Nova Iorque (1956), 1984.

Kamuf, Peggy, *Fictions of Feminine Desire*, Lincoln, Londres, (1982), 1987.

Klarer, Mario, *Frau und Utopie*, Darmstadt, 1993.

Lorca, Federico García, *Amor Obscuro* (trad. port.), Lisboa, 1992.

Livingstone, Angela, *Lou Andreas-Salomé. Her Life and Writings*, Londres/Bedford, 1984.

Neumann, Erich, *Zur Psychologie des Weiblichen*, Frankfurt/M (1980), 1986.

Ovídio, *A Arte de Amar* (trad. port.), Mem Martins, 1974.

Zambrano, María, *Os Sonhos e o Tempo* (trad. port.), Lisboa, 1994.